

JOSÉ CASADO

# ESTADO DE SÃO PAULO Assim tropeça o presidente

**F**ernando Henrique Cardoso está prisioneiro. De seus dogmas, de sua base parlamentar. O presidente está se fazendo prisioneiro de si mesmo. Tem gasto horas ali, no planalto central, recebendo políticos e reclamando deles, mais exatamente, do Congresso.

Reclamar do Legislativo é rotina na vida dos cidadãos em qualquer democracia. É o lado mais visível e a porção mais abstrata da cena política. Reforçar o coro dessas queixas é uma tentação permanente para presidentes da República. É refúgio seguro, quando se perdem na lógica de seu governo.

Para um presidente eleito no primeiro turno, certamente, pouca coisa deve ser pior do que assistir ao eleitorado reclamando do seu governo, como mostrou pesquisa publicada por este jornal na quinta-feira: a expectativa favorável à gestão Fernando Henrique despencou em 12 pontos percentuais (de 59% para 47%), no curto espaço de 24 dias depois da posse.

Sugere que a "lua-de-mel" do presidente iniciante com a massa vai ser bem mais curta do que reza a tradição. Azar do governante. Se a paciência do eleitorado está menor, é porque já foi gasta, em parte, com os antecessores de Fernando Henrique.

Tende a ficar cada dia mais reduzida, na medida em que ele se comportar no poder da mesma forma que os outros, até mesmo em relação ao Congresso, cujo prestígio sempre se recupera em momentos políticos decisivos — como ocorreu no impeachment de um outro Fernando, de sobrenome Collor, que não soube respeitar a confiança pública na guarda do Tesouro.

Um tanto perplexos com a reação da opinião pública, assessores e aliados de Fernando Henrique gastam tempo à procura de explicações para a abrupta erosão de expectativas na cena política. Curiosamente, quem chegou mais perto da resposta foi o próprio presidente, ao esboçar uma autocrítica, durante reunião com líderes congressistas, na semana passada. Se continuar na auto-análise, é provável até que ele acabe concordando com a opinião pública: Fernando Henrique é o principal culpado.

Na vida real, teve o tempo que precisava para negociar com o Con-

gresso aquilo que desejasse. Saiu do governo como uma espécie de primeiro-ministro (na Fazenda) apenas sete meses antes da eleição. E voltou ao poder 87 dias depois, como presidente. O que aconteceu? Nada. Mas, no poder, até um nada tem preço.

Assim, contrariando seu habitual estilo devagar-e-sempre, Fernando Henrique fixou-se na idéia de não negociar com o Congresso ("em fim de mandato"), o que resultou no ônus do veto ao salário mínimo de R\$ 100, do substancial aumento no seu próprio salário e na sanção da anistia ao calendarista Humberto Lucena.

A ironia: foi a própria base parlamentar do presidente que o deixou na situação da qual tanto se queixa. Seu PSDB, assim como os aliados PFL e PMDB, votaram em massa contra o suposto interesse do governo. E suposto porque, em nenhum momento, o governo cuidou de manifestar qual era seu interesse. E, muito menos, cuidou de defendê-lo.

Isso pode se repetir a partir da quinta-feira, quando assume o novo Congresso, renovado em metade do plenário. É ele que vai decidir sobre as reformas na Constituição. E a essas reformas, Fernando Henrique indeluziu seu governo. Sem elas, tem repetido, o governo será outro.

Significa que o real, a moeda que elegeu o presidente, não será mais o

mesmo. Por enquanto, é uma promessa. Seu avanço à condição de moeda estável, supõe governo hábil, com credibilidade, articulado com o Congresso e o Judiciário em torno de um projeto de desenvolvimento para uma sociedade eivada por décadas de degradação sócio-econômica.

A diferença entre o real e o sonho será determinada pelo nível de competência política do governo Fernando Henrique Cardoso. Ele continua reconhecido como "o homem do real". E ainda tem 1.433 dias para escrever sua história no poder, que será o resultado prático de seu estilo devagar-e-sempre.

Mas os acontecimentos das últimas três semanas — as suas primeiras — mostram que toda vez que ele resolver fugir (por ação ou omissão) da lógica de sua eleição, vai trombar com o espelho. Assim tropeçam os governantes.



■ José Casado é jornalista

**Se a paciência do eleitorado está menor, é porque foi gasta com os antecessores de FH**